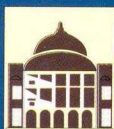
Coleção Documentos da Amazônia Nº 9

Manaus:

ASPECTOS DE SUA ARQUITETURA

Fac-similado

Luiz de Miranda Corrêa

Edições Governo do Amazonas

MANAUS:
ASPECTOS DE SUA ARQUITETURA

(Fac-similado)

Luiz de Miranda Corrêa

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 9

MANAUS:

ASPECTOS DE SUA ARQUITETURA

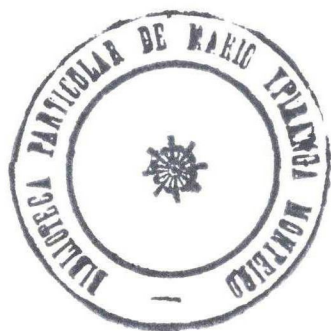
(Fac-similado)

Edições Governo do Estado do Amazonas

MANAUS:
ASPECTOS DE SUA ARQUITETURA

(Fac-similado)

Luiz de Miranda Corrêa

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 9

Manaus
Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura e Turismo
2000

Apresentação

O Governo do Estado através da Secretaria da Cultura, Turismo e Desporto, mantendo o programa de edições vem, ao mesmo tempo, republicando obras com características especiais.

Editado pela primeira vez através da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia- SPVEA, em novembro de 1964, com apresentação do respeitável historiador Arthur Cézar Ferreira Reis, o presente estudo de Luiz Maximino de Miranda Corrêa, neto, é reeditado em importante ocasião, quando o governo intensifica ações iniciadas em 1997, visando o resgate da paisagem física do centro antigo da cidade de Manaus, programa que vai revitalizar uma região atualmente em intensa degradação e que se circunscreve, exatamente, na região de estudo da monografia.

Luiz Maximino de Miranda Corrêa, neto, é amazonense de Manaus, onde estudou e fez os preparatórios técnicos da sua época escolar, sem avançar para a universidade. Jornalista, desde cedo foi colaborador de vários jornais como *A Crítica, A Gazeta, O Jornal, O Jornal do Comércio*, de Manaus; *A Província do Pará,* de Belém, e o *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro. Integrou a comissão de tombamento do Património Histórico do Estado do Pará, na SPVEA. Cineasta, além de outras incursões, inclusive do filme A Selva, foi o produtor do documentário Amazonas ... Amazonas, de Glauber Rocha. Escritor, figura singular e gentil no trato, foi o responsável pelas primeiras ações de órgão público no campo do turismo, quando organizou e dirigiu o Departamento de Turismo e Promoção - DEPRO, órgão do governo amazonense; foi diretor da Superintendência Cultural do Amazonas, autarquia do poder executivo estadual e secretário do Instituto Superior de Estudos da Amazônia - ISEA. Foi premiado por artigos na imprensa, com reconhecimento do Clube da Madrugada (1968) e da comunidade portuguesa no Amazonas, em 1969, com o artigo *Um Império Conquistado com Fé e Amor,* como parte das comemorações do tricentenário de fundação da cidade de Manaus. Publicou, além *Manaus: Aspectos de sua Arquitetura,* agora reeditada, *O Nascimento de uma Cidade,* 1966; *A Borracha na Amazônia* e a *II Guerra Mundial*, Manaus, 1967; e, *Manaus Roteiro Histórico e Sentimental da Cidade do Rio Negro*, 1969.

Na sua investida na área empresarial, foi diretor presidente da AmazonLar, Associação de Poupança e Empréstimo do Amazonas.

Trata-se de seu primeiro estudo publicado, delineando a paisagem urbana da cidade de Manaus, um ensaio que a define como cidade tropical, à moda de tantos outros, mas que lhe dá o toque especial do sentimento, da visão interior, com sensibilidade, demonstrando o efeito da implantação da república no ar de transformação urbana porque passou a capital amazonense, a ponto de ser reconhecida e proclamada como a sua revelação, no dizer do presidente Afonso Penna na primeira visita presidencial feita aos confins amazônicos.

Robério Braga

LUIZ DE MIRANDA CORRÊA

NOTA

O novo Govêrno do Estado do Amazonas, instalado em junho do corrente ano e presidido pelo ilustre historiador e sociólogo Arthur Cezar Serreira Reis, resolveu solucionar definitivamente o problema das populações que vivem em flutuantes, nos igarapés de Manaus, e no próprio rio Negro.

Pelo que êsses aglomerados significam, como centro de distribuição de contrabando, miséria e analfabetismo, afundando milhares de brasileiros numa vida vergonhosa, em condições sanitárias as mais precárias, não podem ser poupados .em nome da tradição e de uma possível poesia.

Rio, novembro de 1964
L.M.C.

PREFÁCIO

LUIZ MAXIMINO DE MIRANDA CORREA é amazonense. Aqui fez seus estudos primários e secundários. Não alcançou o doutorado. Fugiu ao clássico das aspirações da maioria da gente nova brasileira. Fez bem, fez mal? A resposta cabe unicamente a êle, que, a nosso ver, nem por isso perdeu os títulos que começa a obter no campo da inteligência. Sim, porque ao lermos estas páginas, ignorando-se a sua outra atividade espiritual, que bem conhecemos e podemos considerar excelente para a sua idade e para a vida ainda não definida na sua estratificação, ao lermos estas páginas, compreendemos o que vale o autor como emoção ante a sua terra e com inteligência pragmática das coisas do espírito, criador na ação material.

"MANAUS, ASPECTOS DE SUA ARQUITETURA", afigura-se-nos peça de fino lavor literário e, mais que isso, magnífica interpretação do que a capital amazonense possui

como característica, como definição, como exótico, sem ser o exótico à oriental.

Neste ensaio, Luiz Maximino buscou defini-la como realidade, como cidade tropical. Cidade maltratada por administradores sem sensibilidade ou mesmo grosseiros no comportamento para com ela em seu processo de ampliação no espaço, sem passado colonial com uma tradição recente, que data mais acertadamente dos fins do período imperial, com um plano urbano que lhe traçou o "Pensador", que desprezara os projetos de Taumaturgo de Azevedo, êste a querer Manaus como uma nova Recife, e aquele imaginando-a em traçado menos ambicioso ou menos estranho. E nesse particular de seu objetivo, realizou, realmente, uma obra prima. Disse o essencial, com exatidão e com elegância.

Manaus não se realizou senão na República. Enfeiada aqui e ali por uma construção acanhada em conflito com o monumental de muitas de suas instalações oficiais, vem sendo, nos dias de hoje, empobrecida, aviltada, miserabilizada pelo "rush" que as más condições do interior explicam, miserabilidade, permitam o neo-

logismo, que expressa outra verdade, aparecimento de bairros a cuja forma não presidiu qualquer ação de poder público, na cautela que se deve impor o poder público para com os que, contribuintes de parcelas ativas da população, devem ser servidos pela implantação de condições que importem em vida vivida com dignidade material e espiritual.

Luiz Maximino, herdeiro da sensibilidade artística de seu avô, ao apresentar sua cidade natal, também a minha cidade natal, não fez história pura e sêca, história cheia de emoção, tirada do homem e da terra que lhe deu ser. E como autorizando uma divulgação magnífica, uso de quantos a amam com amor e dos que a procurem conhecer como planta esplêndida do mundo tropical que é o Amazonas.

Manaus, novembro de 1964

ARTHUR GEZAR FERREIRA REIS

M A N A U S:

ASPECTOS DE SUA ARQUITETURA

Luiz de Miranda Corrêa

Manaus é uma cidade republicana, não possuindo uma arquitetura colonial, ou mesmo do período império, importante. Suas construções religiosas são das mais pobres comparadas com as das cidades brasileiras mais antigas.

Elizabeth Agassiz, que a visitou em 1865, ficou impressionada pela pobreza das .construções e o aspecto decadente dos prédios públicos. Mulher de visão reconheceu entretanto, o papel que a pequena cidade desempenharia em futuro próximo. Elogiou a situação geográfica e visualizou a vocação de entreposto comercial que, antes mesmo que o século findasse, Manaus viria a realizar.

Ao ser proclamada a República, continuava uma pequena e modesta cidade de 20 mil habitantes. Dessa época em diante é que começa sua prosperidade. Vinte anos depois, graças ao "rush" da borracha, sua população alcançara a casa dos 50 mil.

Antes da abolição da monarquia, possuia apenas quatro edifícios dignos de nota, todos êles construídos por Leavigildo

Coelho. A Prefeitura Municipal (na época residência dos Presidentes da Província), a Matriz, o Colégio Pedro II e o edifício do Tesouro Público, hoje abrigando a Secretaria de Finanças e ameaçado de demolição. Tôdas as grandes construções da cidade, e seu urbanismo inteligente, vieram com a forma republicana de govêrno, e foram, em sua maioria, obras de Eduardo Ribeiro.
Algumas décadas após, provocariam o testemunho de Euclydes da Cunha sintetizado na frase: "Esta Manaus rasgada em avenidas largas e longas, pelas audácias do "Pensador". (Eduardo Ribeiro era chamado de "Pensador" em homenagem ao jornal que possuíra quando ainda no Maranhão, seu Estado natal).

§

Manaus não possuiu Landi, genial arquiteto italiano, construtor das jóias barrocas, rococós e neo-clássicas, que são as igrejas do Carmo, Mercês, Rosário, São João e Sé, da vizinha Belém. Landi, da Escola de Bolonha, aluno dos Bibiena, es-

tagiara em Portugal, incorporando as influências dos mestres portugueses. Enviado ao Pará em 1753, além de construir uma grande quantidade de prédios civis e religiosos, inspirou com seu estilo híbrido, um sem número de casas, mansões, e igrejas da capital paraense.

§

A catedral de Manaus, de traço império, (neo-clássico) é sem dúvida a melhor construção religiosa da cidade. Iniciada em 1858, por determinação do Comendador Francisco José Furtado, Presidente da Província, lutou, desde seu início, com a falta de recursos necessários só solucionados, em parte, por donativos pessoais do Imperador, e contra a carência de material e mão de obra especializada. Inaugurada a 15 de agôsto de 1877, não estava ainda pronta. Sóbria, imponente, em alvenaria e pedra de Lisboa, encontra-se, entretanto, desfigurada em seu interior. Murais de gôsto duvidoso, :executados há uns quinze anos atrás, de técnica primária, tiram o efeito de abadia que deveria

ter. A simplicidade do templo, nas linhas mestras de sua decoração, deveria, seguir a inspiração dos portugueses que, na falta de maiores recursos técnicos ou financeiro, para executarem interiores em talha, branca ou dourada, barroca ou rococó, limitavam-se ao cal branco.

Quando o pintor italiano De Angelis, responsável pelas telas da catedral de :Belém, esteve em Manaus, aventou uma reforma para a Matriz. O artista europeu viera contratado para decorar e pintar murais para o Teatro Amazonas e chegou a executar uma traça, utilizando a parte já construída. As torres laterais teriam permanecido da mesma maneira que a fechada do templo até a primeira cornicha. Apenas seriam enriquecidas as portas e janelas. Seria erigido um frontão mais alto que os duas torres, com muito de barroco, diferente do neoclássico que existe atualmente. A maneira do que Landi construiu na Sé de Balém.

Talvez a solução mais espetaculosa, proposta pelo arquiteto-pintor-decorador cenógrafo, tenha sido a cúpula no centro do prédio. A concretização do projeto

estragaria definitivamente o templo, apesar de que lhe emprestaria uma suntuosidade bem ao gôsto se tentrional dos italianos. Felizmente as sugestões de De Angelis, jamais saíram do papel, o que sem dúvida serviu para salvar a aparência externa da igreja.

Internamente, apenas o retábulo, em pedra liós, e dois altares das capelas, laterais são dignos de serem vistos. Inteiramente importados de Portugal, são de um neo-clássico de bom gôsto e boa execução. Os altares da nave são quase todos em madeira, pintados em "faux-marbre", com imagens de gêsso, e não oferecem atrativos especiais.

A Prefeitura Municipal, outrora residência dos Presidentes da Província, é um belo exemplar de arquitetura neo-clássica. De linhas elegantes, denuncia seu parentesco com os edifícios construídos por Grandjean de Montgny no Rio de Janeiro.

O prédio do Colégio Estadual do Amazonas (ex Ginásio Pedro II), que data do segundo reinado e que serviu de menagem ao Conde d'Eu, nos últimos dias da monarquia,

é dos mais representativos da escola neo-clássica, da mesma maneira que a Alfândega, a igreja de São Sebastião, o palácio Rio Negro, e os palacetes das famílias Mello Rezende, Silvério Nery, Aldo Furtado, Erestislau de Castro, Stuart, Miranda Corrêa, entre outros, atestam já a influência italiana, inglesa e sobretudo francesa. É interessante lembrar que a atual sede do executivo amazonense foi residência particular de um alemão proprietário de Casa Aviadora. Um único produto de exportação, em vinte anos tinha sido suficiente para enriquecer a pequena cidade, dando-lhe uma aparência nobre e urna arquitetura diversificada.

Raras são as casas da nítida influência colonial tão comuns nas cidades brasileiras mais antigas. Pouco se construiu antes do sucesso da borracha nos mercados mundiais. As construções ao gôsto português, que encontram perto do Mercado Municipal e da igreja dos Remédios, ou da Prefeitura, com raras exceções, são quase tôdas dêste século, erguidas por portugueses ainda não desligados do ambiente da mãe pátria. Por tais ra-

zões não é fácil encontrarmos azulejos do Pôrto, sendo comuns os feitos industrialmente na França, Holanda, Bélgica ou Alemanha, seguindo, alguns, os padrões de Santo Antônio do Pôrto, e a maioria, o novo gôsto do "Art-nouveau". Nesta época, os amazonenses já sofriam forte influência francesa. Esses casarões ao gôsto lusitano, tem mais parentesco com os sobrados do Boulevard Castilho França em Belém, que com as construções de São Luiz, Recife, Olinda, Salvador ou Rio de Janeiro.

§

O gôsto francês influenciou de maneira marcante as construções dos dias da borracha. O amazonense enriquecido que educava seus filhos na Europa, e que para lá se dirigia em gôzo de férias, voltava influenciado pelo espírito francês. Esses contactos com o velho continente numa época em que todo o Brasil exceção de Belém e do Rio de Janeiro, ainda engatinhava, civilizou e, mais ainda, requintou a sociedade de Manaus.

É interessante notar que se as ré-

lações comerciais, sempre se fizeram mais entre o Amazonas e Inglaterra, a hegemonia intelectual, social e artística, sempre esteve com a França. Se exportavam em maior quantidade para Reino Unido, importavam mais do país continental. E juntamente com os tecidos, calçados, conservas, vinhos, licores, porcelanas, pratas, móveis, livros, jóias e bijuterias, vinha o gôsto pelo estilo francês, pelos jardins franceses, pela maneira de vida francesa.

§

Já edificados no período republicano, o Palácio da Justiça e o Teatro Amazonas transformaram-se nos prédios mais imponentes da cidade. O Tribunal é belíssima construção de alvenaria com raízes na Missão Francesa. Muitos são os conhecedores, que descobrem um parentesco entre êle, e a última e atual fachada do Palácio de São Cristovão na Quinta da Boa Vista.

O Teatro erigido na antiga rocinha de Antônio Lopes de Oliveira Braga, transformou-se no marco da cidade, símbolo da época da borracha. Sua construção foi

decidida a 14 de julho de 1881, por lei sancionada por Alarico José Furtado, Presidente da Província.

No ano seguinte, foram publicados os editais de concorrência e apareceram os primeiros projetos, tendo sido escolhida a planta apresentada pelo Gabinete de Arquitetura Civil de Lisboa. Quando em 1892, Eduardo Ribeiro assumiu o govêrno do Estado, encontrou a obra se arrastando penosamente. Atacou-a com vontade, rescindindo contratos e firmando outros. Empreitou com Henrique Mazzaloni a ornamentação externa do edifício, com o engenheiro eletricista Vicente de Miranda a instalação elétrica, com Manoel Gomes da Rocha as obras de estuque, com Crispim do Amaral, artista português e cenógrafo da "Comedie Française" a decoração interna e o fornecimento do mobiliário, mecanismo e cenários, e por intermédio dêste, com Domênico De Angelis e Capranesi, as telas do salão nobre. As pinturas que ainda hoje se encontram na sala de espetáculos, alegorias à Música, Dança e Tragédia foram fornecidas pela Casa Capezot, de Paris. Afinal a 31 de desembro de 1896, no gover-

no de Fileto Pires Ferreira, foi o novo teatro inaugurado com um espetáculo da Grande Companhia Lírica Italiana, tendo sido representada "A Gioconda" .

Mais tarde, incorporaram à construção uma grande cúpula em ladrilhos multicolores, formando a bandeira brasileira, o que prejudicou bastante sua aparência e sua pureza, dandolhe, entretanto, um aspecto monumental. Sofreu, também, uma reforma interna que lhe modificou a sala de espetáculos e o hall de entrada. Neste último, péssimos murais de Olimpio de Menezes, pintor sem recursos técnicos e sem inspiração, deram uma aparência provinciana ao "foyer" da casa. É mais um dêsses casos, em que temos a lamentar o mau gôsto e a irresponsabilidade de homens que detêm, por momentos, a guarda de monumentos artísticos.

Mas, indiscutivelmente, apesar do enxêrto da cúpula, graças à sua privilegiada posição, construído em cima de uma pequena colina com amplas e belas rampas de acesso, é, externamente, o mais imponente teatro brasileiro, e dos mais impressionantes que conhecemos. A grande

maioria dos teatros famosos, como o Municipal, do Rio de Janeiro, o Colon, de Buenos Aires, o Scala, de Milão, a Ópera de Paris ou a de Roma, o Convent Garden, de Londres, entre outros, se encontram, apertados entre ruas pequenas, sombreados por edificios importantes, o que sem dúvida lhes diminui a grandeza.

§

A urbanização de Manaus é inteligente e moderna, podendo-se mesmo dizer que é uma tentativa de urbanização tropical. Fugindo a orientação portuguêsa, não possui um "Terreiro do Paço", que influenciou a construção da Praça 15 de Novembro no Rio, ou o Ver-o-Pêso em Belém. Nem mesmo as avenidas beirando cais, como o "Boulevard Castilho França" de Belém.

O que distingue a cidade, urbanizada em sua maior parte nos fins do século passado por Eduardo Ribeiro, são suas avenidas largas e compridas , rasgando a "urbs" tropical em todos os sentidos, subindo suaves colinas, formando ladeiras de acesso fácil possibilitando o trânsito em

todos os sentidos. São suas praças arborizadas, seus quadriláteros ajardinados, alguns com belos monumentos, como o da abertura dos portos e o de Tenreiro Aranha. Numa cidade relativamente pequena (220, mil habitantes), nitidamente equatorial, o grande número de praças existentes louva a inteligência dos homens que as construíram. Se são necessárias em tôdas as cidades, nos trópicos elas se tornam imprescindíveis.

§

O trabalho realizado durante o "boom" da borracha foi impressionante. Talvez por isso possamos dizer que é a menos portuguêsa dentre as cidades brasileiras do extremo norte. Cidade nova, apenas uma aldeia, quando Belém já comandava a vida social, política e econômica do vale, mereceu sem dúvida o comentário de Eduardo Ribeiro: "Encontrei Manaus uma grande aldeia e dela fiz uma cidade moderna".

Uma das coisas que mais impressiona o forasteiro ao chegar ao Rio Negro, é a

total ausência das igrejas ricas, apanágio da colonização lusitana. Excetuando a Catedral e a Igreja dos Remédios, todos os outros templos católicos são de construção recente e de gôsto duvidoso.

Existe a Igreja de São Sebastião, construída em um estilo neo-clássico estilizado, com alguns murais, internamente o mais belo templo da cidade. As outras Igrejas, não merecem comentários, frutos que são de uma arquitetura decadente, ao gôsto salesiano, ou de um pretenso modernismo em voga em todo norte do Brasil entre as décadas de 20 e 50.

É de lamentar o fraco passado colonial, que priva a cidade de jóias arquitetônicas, do quilate de uma igreja de Santo Alexandre na vizinha e longínqua Belém. Entretanto se a ausência de um passado colonial e mesmo monárquico de importância, negou a Manaus uma arquitetura mais rica e mais diversificada, no urbanismo deu-lhe uma unidade e uma harmonia dificilmente encontradas em outras cidades brasileiras de sua idade, provocando a admiração de Vianna Moog, que não escondendo sua agradável surprêsa ao descobrir a cidade,

classificou-a como: "a mais harmoniosa cidade do extremo norte, um verdadeiro milagre de civilização dentro da selva".

Um estilo iria deixar marcas profundas na jovem capital. O "Art-Nouveau" impressionou a Europa, e quase todo o mundo, na mesma época em que era maior o surto de construções na Amazônia, em que os contactos com suas fontes europeias se faziam mais amiude, em que o dinheiro era mais farto e portanto se tornava fácil as construções rebuscadas e caras.

Coincide com a "Belle Epocque", os grandes dias de fartura, da região amazônica, cuja fama correu célere, atraindo à Belém e Manaus um número imenso de homens e mulheres ávidos de fortuna, numa página de bandeirantismo, como bem classificou Vianna Moog.

Se faltam a Manaus edificios marcadamente Art-Nouveau, como encontramos na Europa e mesmo em Belém do Pará, é fácil descobrirmos, em tôdas as construções do inicio do século, as influências dêste estilo. Influências que se denunciam em ladrilhos, em beirais, em sinuosidade de janelas, portas e frontões, e acima de tudo

em grades de ferro.

É raro encontrarmos um palacete, uma casa, um prédio, construído naqueles dias, em que esta revivência sinuosa do romântico não esteja presente. É na decoração de interiores do início do século, decoração que, chegou até nós, com móveis, louças pratas, e enfeites importados da França, o ambiente "art-nouveau" é perfeito

§

Quando se chega a Manaus por via fluvial alguns dias em que a majestade do cenário amazônico se torna monótona, vislumbra-se em plena floresta os contornos de uma cidade civilizada. Distingue-se seu porto flutuante, derramado por sôbre a baía do Rio Negro e em seguida a Alfândega, nobre edifício de pedras amarelas, importadas, construído no início do século. Em seguida o Hotel Amazonas, belo exemplar da moderna arquitetura brasileira, com jardins de Burle-Marx, e o edifício do IAPETEC. Mais a direita os edifícios da Cervejaria Miranda Corrêa, também

construído no período áureo da cidade, a maneira das cervejarias alemães da época, com seus oito andares, durante muito tempo, a construção mais alta da cidade. Mais acima o Palácio da Justiça, e coroando o rápido esbôço, o Teatro Amazonas, com seu zimbório colorido, marcando a cidade a maneira do Pão de Açúcar ou da Torre Eiffel.

Trava-se, assim, conhecimento com a cidade pelo rio, e o que dizer quando se chega por via aérea? Talvez seja ainda mais reveladora sua descoberta. Do litoral, via Belém, ou do Brasil Central, sobrevoa-se durante algumas horas a floresta densa, pontilhada de lagos e alagados e entremeada de rios. Apenas pequenas povoações e palafitas isoladas comprovam a existência do homem na hiléia. Quase na confluência dos Rios Solimões e Negro, abre-se a clareira e comprova-se o milagre. Vê-se logo a Refinaria de Petróleo, as torres do pôrto, os edifícios mais altos, a fábrica de cerveja e gêlo, o Teatro Amazonas, as igrejas, os quadriláteros verdes de suas praças, os riscos negros, ou, cinzas, de suas avenidas e ruas, de asfalto ou paralepípe-

do; e das estradas que demandam a floresta.

§

Os igarapés que até hoje dão colorido especial a cidade, já foram mais importantes no passado. Várias das grandes avenidas 7 são pequenos braços de rios ou igarapés aterrados. A atual avenida Eduardo Ribeiro, principal artéria, por exemplo, é o do Espírito Santo ou do Atêrro. Alguns sobreviveram como o de São Raimundo e o de Manaus. A avenida Sete de Setembro é atravessada por três igarapés, sendo o mais importante, o de Manaus, com belíssima pente: de ferro, a mais imponente, datando da administração de Eduardo Ribeiro.

Os igarapés de São Raimundo e Educandos são atravessados por modernas pontes de concreto. Nos arredores da cidade, um grande número de igarapés menores, fazem parte da paisagem manauense e regam hortas, pomares, e plantações de flôres, e acima de tudo represados, marginados e bem cuidados, servem como balneários, públicos ou particulares, para refrigério da população

nos dias feriados ou nos fins de semana.

§

O manauense sempre possuiu um sentido do grandioso, talvez nascido do dinheiro fácil dos tempos áureos de cidade. Os homens do início do século construiram com os olhos voltados para o futuro, e desta época datam as primeiras tentativas de estradas, que saindo dos limites da cidade, entraram pela selva a dentro.

Talvez tenham sido os ingleses os primeiros a se localizarem fora do perimetro urbano. Procuraram terrenos mais altos e mais retirados para construirem suas casas, quase sempre nas imediações da Vila Municipal, atual bairro de Adrianópolis, até há tão pouco tempo considerado distante, e hoje em dia bairro integrado a cidade, por belas avenidas de concreto ou asfalto.

Nesta última década começaram a construir fora dos limites tradicionais da cidade, guiados por um novo conceito de confôrto. Hoje, aos palacetes e vilas importantes nas ruas centrais, preferem

grandes casas de um só pavimento, cercadas de jardins e árvores.

Somente agora se inicia no Amazonas, e assim mesmo timidamente, uma tentativa de criar um modo de vida próprio, condizente com o clima, sem caricaturar a maneira de vida londrina, parisiense ou lisboeta. É bem verdade que a influência das grandes cidades do sul do país aumentou consideravelmente. A aviação comercial é a grande responsável pela assimilação, pelo manauense, da maneira de viver do carioca ou do paulista. Essa integração, entretanto, tem seu lado negativo. As vezes deparamos com belíssimas construções modernas, dentro da melhor linha de um Niemeyer ou Sergio Bernardes, completamente deslocadas nos trópicos. Perfeitas para o clima ameno do Rio ou de São Paulo, tornam-se desagradáveis em Manaus. As lajes de concreto, os grandes espaços envidraçados só são concebíveis no equador., por um capricho de milhionário que passa refrigerar artificialmente o prédio.

O trópico, apesar dos níveis elevados de calor, tornasse agradável, se usarmos inteligentemente, as águas, as árvo-

res, os ventos. Construir simplesmente em grandes espaços, com vegetação abundante, talvez seja a maneira indicada de se viver na Amazônia.

É claro, que o mais interessante, seria uma pesquisa feita por arquitetos, economistas, sociólogos e sanitaristas, com o fim de, em conjunto, inventarem uma moradia ecológica para o homem da Amazônia Um tipo de habitação que utilizasse matéria prima regional, e estudasse as construções luso-brasileiras. Estas últimos, se não eram perfeitas, eram sem dúvida, as que mais se aproximavam das necessidades dos habitante dos trópicos. Ir mais longe ainda, e anexar as experiências do nativo que, construindo suas casas em cima de estacas, mesmo em regiões não sujeitas a enchentes, devem, intuitivamente ter urna razão.

Entidades oficiais, interessadas no problema da habitação, poderiam financiar um, programa de estudos para êsse fim, que valorizasse as conquistas lusotropicais, e as matérias primas da região, entre elas a madeira, tão pouco aproveitada em um território onde é presença marcante.

Uma das manchas mais importantes no conjunto arquitetural de Manaus é a cidade flutuante. Palafitas existem não só nas ribanceiras do rio Negro, mas também nas margens dos igarapés que cortam a cidade. Casas flutuantes boiam nos águas, onde quer que elas se encontrem. Nas imediações do Mercado Municipal, Praça dos Remédios e igarapé dos Educandos, formam uma verdadeira cidade, réplica, em tudo, da cidade em terra firme.

Quitandas, lojas, açougues, viveiros de peixes, tabernas, armarinhos, ambulatórios médicos são encontrados nas casas, sobre toros de madeira, que boiam na água. O pão é distribuído em canoas, da mesma maneira que o leite, as frutas e os legumes.

Quando o rio desce, as casas construídas sôbre os grandes troncos pousam sôbre a praia do mercado e se tornam o lugar preferido, mesmo para os que moram em terra firme, para as compras de peixes, frutas, legumes, tartarugas, e outras especiarias.

Quando o rio sobe, e a diferença de nível é realmente grande, uma verdadeira

obra de engenharia primitiva é realizada, unindo casas com tábuas, fazendo pontes, varanda e alpendres.

§

Enfim, Manaus é uma cidade nascida de um núcleo de bandeirantes, enriquecida pelo extrativismo vegetal, que veio permitir sua transformação radical :em poucos anos. Mas, ela guarda muito do seu encanto nativo, um pouco portuguesa, um tanto oriental, com tintas de uma Europa do início do século.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura